

**PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE
III CONGRESSO MUNICIPAL
SANTA MARIA, RS
19/05/2012**



TESE 1: ESTRATÉGIA SOCIALISTA E TÁTICA ELEITORAL (PÁG. 2)

TESE 2: OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER (PÁG. 9)

TESE 3: CAMPO ENLACE - FORTALECER O PSOL (PÁG. 15)

ESTRATÉGIA SOCIALISTA E TÁTICA ELEITORAL: CONTRIBUIÇÃO DO COLETIVO OPÇÃO SOCIALISTA AO III CONGRESSO MUNICIPAL DO PSOL EM SANTA MARIA

1. Vivemos um período histórico de grandes transformações, no qual, mais uma vez, em virtude das expressões explosivas recentes da crise do capital, as lutas de classes se manifestam de forma sensível ao redor do mundo. Para os socialistas, a tarefa que se impõe é a de não deixar que tais lutas regridam a um estágio aquém do atual. E o modo mais coerente de fazermos isso é envidarmos todos os esforços possíveis para colocarmos em prática, em nosso país, a realização da *transição socialista*. Ora, apesar de não vivermos, hoje, uma conjuntura revolucionária no Brasil, estamos convencidos que é possível desenvolvermos, já, em nosso contexto, uma *atividade revolucionária*, no sentido de *identificarmos e colocarmos em prática a efetivação das mediações necessárias para uma transformação social de grande envergadura*. Isso requer, de nossa parte, uma análise apurada da sociedade atualmente dominada pelos imperativos materiais de reprodução do capital, para que possamos intervir nela de modo preciso e eficaz.

2. Os conflitos que se desenvolvem pelo mundo, atualmente, são de tamanha magnitude que já não podem mais ser ignorados nem mesmo pela tradicional mídia conservadora. Há os que digam que essas lutas estão relacionadas com a conjuntura crítica mais imediata, situada nos marcos dos efeitos da crise financeira ocorrida nos países de centro do sistema, a partir de 2007, e que se desdobra até nossos dias, com novas configurações, envolvendo aumento de dívidas públicas, medidas de “austeridade”, etc. Essa análise pode estar correta, mas, em nossa opinião, apenas *parcialmente*, visto que centra a atenção em fenômenos mais *aparentes* do problema. Compreende, pois, a sua crosta, mas não o seu núcleo. Em verdade, a crise por que passamos não diz respeito meramente a processos relacionados com o setor financeiro da economia, mas envolve o próprio modo profundo como nos organizamos em sociedade a fim de regularmos o *metabolismo social* (a atividade produtiva humana). Em outras palavras, é a formação socioeconômica atualmente estabelecida que apresenta contradições cada vez mais dramáticas que repercutem efeitos deletérios na sociedade, na política, na cultura e na própria vida cotidiana em geral. Temos que voltar nossa atenção, portanto, para a raiz desses problemas, isto é, o *sistema do capital*, com todos os seus elementos constituintes e determinações conflitivas.

3. O capital, e não apenas o *capitalismo*, é que deve estar no centro da nossa análise. O capital, sistema de controle estabelecido sobre a atividade produtiva, composto pelo *dinheiro, família nuclear, meios alienados de produção, objetivos fetichistas de produção, divisão entre quem decide em que executa o processo de produção, Estado e mercado mundial*, se organizou, em dado momento da história, a partir da exigência material de explorar a maior quantidade possível de *trabalho excedente*. Imbuído desse propósito, o sistema se estruturou de forma hierárquica, num movimento acumulativo e expansivo. A *fase capitalista* do capital veio depois, engendrando novas determinações e características, tais como dominância da *produção para a troca*, a *força de trabalho como mercadoria*, a motivação do *lucro* como força reguladora da produção, a extração de excedente (como *mais-valia*) ocorrendo por via *econômica* e a *apropriação privada* dessa mais-valia.

4. O Estado, dentro desse sistema, é um dos principais elementos e tem como tarefa específica promover a retificação (ou a “harmonização” momentânea) das unidades produtivas do capital que porventura entrem em conflito umas com as outras. O Estado é parte do sistema em questão; não está, portanto, além dele. Tem suas possibilidades de ação rigorosamente limitadas pelo capital e não o contrário. Tal constatação traz consequências importantes para um projeto alternativo socialista, que não deve ter a ilusão de querer controlar o capital por meio de reformas feitas através do Estado. O Estado pode, sim, ser uma trincheira fundamental de luta, mas, uma vez lá dentro, é preciso reestruturá-lo no sentido de distribuir cada vez mais o poder de decisão sobre os processos produtivos e organizativos da sociedade aos trabalhadores, até o momento em que tal instância específica, o Estado, torne-se obsoleta.

5. O sistema do capital assim constituído - o Estado, portanto, incluído em sua base - passou por um longo período histórico de *ascendência*, no sentido de fazer abranger a sua dominação sobre o trabalho por toda a superfície do globo. Enquanto essa fase ascendente perdurou, o capital conseguiu lidar com as suas crises por meio de rearranjos internos, de ações “harmonizadoras” do Estado, de deslocamentos de contradições e da imposição de suas formas de sociabilidade a outros povos e nações. Com o fim dessa fase, o sistema não teve mais possibilidade de exportar seus conflitos e uma nova modalidade histórica de crise iniciou: uma *crise estrutural*, onde algum dos componentes do sistema, que antes eram tomados como combustível para sua reprodução, agora acabam por atravancar seu desenvolvimento. As constantes guerras de rapina que temos visto, o desemprego estrutural, a obsolescência planejada e a crise ecológica em imensa proporção são alguns dos elementos constituintes dessa crise estrutural. A crise estrutural do capital, à diferença das crises anteriores, ocorridas na fase de *ascendência* do sistema, possui um caráter *universal* – isto é, não está restrita a esferas *particulares* do complexo do capital (por exemplo, setores financeiro, comercial, etc.); seu âmbito é global, e não circunscrito a um número limitado de países; sua escala temporal é contínua, *permanente*, ao invés de eventual ou cíclica, como nas crises anteriores; e sua forma de desenvolvimento, finalmente, pode ser chamada de *rastejante*, ou seja, não se expressa necessariamente na forma de cataclismos espetaculares como se via nas crises que ocorriam na fase ascendente do sistema (o que não quer dizer que esses cataclismos não possam ocorrer, vez que outra, no contexto da crise estrutural do capital).

6. Os percalços gerados por essa crise universal, global, permanente e rastejante vão desde complicações no processo de “valorização do valor” até a alteração, num sentido decrescente, da taxa de utilização das mercadorias. Para tentar lidar com tais problemas, o capital se reestruturou até dar origem a uma forma de produção essencialmente *destrutiva*, isto é, que atribui à destrutividade – elemento intrínseco ao capital desde os seus primórdios, mas que, até então, não era dominante – o papel de “princípio orientador” do trabalho. A *produção destrutiva* do capital se expressa de muitas maneiras: na precarização do trabalho, na degradação ambiental, na *obsolescência planejada* e no “complexo militar-industrial”, setor chave da economia mundial, onde as mercadorias (artefatos bélicos, etc.) se destroem no ato imediato do seu consumo. O *imperialismo*, nesse contexto histórico novo, passa a sofrer as determinações da produção destrutiva do capital, adquirindo um caráter muito mais agressivo e belicista e capitaneado pela maior potência fabricante de armas existente, os EUA.

7. A compreensão concreta do capital e sua atual crise estrutural – com todos os seus antagonismos e contradições estruturais - é o primeiro passo para a elaboração de uma estratégia coerente e consistente para a sua superação. Mas essa estratégia não pode estar ancorada meramente na *negação* do atual sistema de controle hierárquico e fetichista do trabalho. É preciso que saibamos também – pelo menos em linhas gerais – *afirmar* um novo modo de relacionamento e intercâmbio social, qualitativamente mais elevado, que só pode se dar com base na *ação cooperativa sustentada*, que tomamos aqui como a forma de regulação do metabolismo humano que deve se constituir no *princípio orientador geral da estratégia de luta revolucionária socialista*.

8. Os princípios gerais da estratégia socialista devem articular, portanto, as exigências *negativas* da ordem do capital e *afirmativas* de uma nova formação social, donde resulta o seguinte quadro categorial referencial: ao invés da estruturação hierárquica e fetichista do capital, a auto-organização horizontal, cooperativa e consciente da produção pelos produtores livremente associados; ao invés da igualdade meramente formal (jurídica) levada a efeito pelo capital, “a igualdade de trabalhos e prazeres”, regida pelo princípio “de cada um conforme sua capacidade, a cada um conforme sua necessidade”; ao invés da insustentabilidade inerente ao processo de produção destrutiva do capital, uma ordem alternativa historicamente *sustentável*, a fim de se superar o enorme desperdício de recursos naturais e humanos; em vez da ruptura entre quem decide e quem executa os processos de trabalho, de acordo com a exigência do capital, a promoção da real *participação* dos “produtores associados”, por meio da transferência progressiva a estes do *poder de decisão* sobre todos os âmbitos da atividade produtiva; em lugar do planejamento a curto prazo visando a acumulação do capital, o *planejamento para garantir a vida humana sobre a terra por um longo prazo* (planejamento este a ser feito coletivamente e executado em conjunto pelos produtores associados); o *crescimento qualitativo em utilização* dos produtos do trabalho, para substituir a *destrutividade* que satisfaz as demandas do capital auto-expansivo; a *complementaridade entre os âmbitos nacional e internacional* nas lutas pela emancipação humana; a *unificação das esferas da reprodução material e da política*, que foram separadas pelo capital durante seu movimento histórico auto-constitutivo; e, finalmente, a *educação*, realizada em meios formais e não formais, como alavanca para se produzir o *desenvolvimento contínuo da consciência e dos valores socialistas* necessários para a realização da nova formação histórica, uma educação que se converta, em última instância, em *autoeducação permanente* para uma sociedade que supere definitivamente as determinações fetichistas do sistema produtor de mercadorias.

9. Tal estratégia só pode ser descrita, portanto, em termos de uma práxis *ofensiva* rigorosamente delineada. A ofensiva socialista não dispensa as lutas que ocorrem no interior do parlamento e do Estado burgueses, mas as transcende ao centrar seus esforços na formação de novas *mediações extrainstitucionais* - não antagônicas e sustentáveis - de regulação da atividade produtiva. A tarefa fundamental que se apresenta, então, é não apenas ganhar o Estado, mas efetivar a articulação teórica e prática de *mediações* capazes de coadunar, na práxis, *negação* e *afirmação* no sentido da construção da emancipação humana. Em termos político-institucionais, a *negação* consiste na atuação que acontece *ainda no âmbito do Estado*. Ela é, aí, pois, sinônimo de *defensiva* – por exemplo, lutar no interior do parlamento pela manutenção de direitos conquistados historicamente (mas não só isso). A postura defensiva precisa ser complementada pela ação *afirmativa*, isto é, pela criação de novas mediações de

regulação sociometabólica que estejam além do Estado, tais como movimentos sociais, coletivos organizados e formas alternativas de regulação da produção (mesmo que limitadas e comportando, nos estágios iniciais da transição, muitas contradições do próprio capital). O papel do Partido, enquanto mediação estratégica indispensável, é buscar fortalecer a relação entre estes grupos, reforçando neles as tendências socialistas ou anticapitalistas que por acaso expressem. Para tanto, o Partido necessita participar das lutas proletárias de uma forma a poder articular esses grupos, conscientizá-los acerca do mal radical que lhes aflige – politizá-los, portanto, a respeito das causas da crise: o sistema do capital e seu sistema de mediações contraditórias – e organizar a sua ação no sentido de que sejam capazes de avançar *ofensivamente* em direção à formação de uma sociedade emancipada. **O partido socialista é, portanto, o instrumento ofensivo de luta que permite aos trabalhadores transcender seus interesses meramente particulares (econômicos), atingir a compreensão da totalidade concreta da sociedade (isto é, das suas mediações fundamentais) e lutar de forma coerente para superá-la e instaurar a sociedade dos produtores livremente associados, a sociedade comunista.**

10. Desta forma: como os socialistas devem pensar um programa para as eleições?

Temos uma exposição sistemática do programa, da estratégia socialista. Nela as eleições ocupam um espaço importante, mas secundário e disto não podemos perder de vista. Pensamos que ilusões eleitorais devem ser combatidas, mas isto não significa menosprezar as eleições e sim nos preparar corretamente para enfrentá-las com os pés no chão. Ou seja, não vamos disputar para a vitória da prefeitura e a partir daí fazer implementar o socialismo, mas entender que disputar as eleições nos ajuda a avançar no que é necessário: a organização e conscientização das massas e na ocupação de espaços de resistência no interior da estrutura de dominação.

11. É possível diagnosticar que os socialistas, nas eleições, caminham entre a exposição de: um mero programa de reformas sociais, de um ataque aos problemas através do eixo da corrupção e a exposição de “boas intenções”; ou, à exposição sistemática do programa socialista. Pensamos que nenhum dos dois caminhos podem responder ao papel dos socialistas nas eleições. Ela precisa poder trabalhar sobre ambos os caminhos, conjugando propostas táteis – denunciando os problemas já existentes e apontando saídas radicais – com a necessidade proeminente de que estes problemas só podem ser resolvidos com a mudanças radical da sociedade (ou seja, o enfrentamento radical da causa de todos os problemas cotidianos). Sabemos que é frente aos problemas cotidianos que a massa trabalhadora pode entender que estes problemas não podem ser resolvidos sem que se modifique a totalidade das relações socioeconômicas e políticas da sociedade. Desta forma o programa eleitoral dos socialistas deve se encaminhar na crítica radical de problemas da cidade e do campo (ou do município), centrado em eixos - como saúde, educação, moradia e transporte -, tratando e descrevendo os problemas tais como vistos pela população.

12. **No Brasil**, as eleições se realizarão sob uma estável aceitação do projeto petista que incorpora as mais variadas facetas conservadoras e socialdemocratas da população organizada nos partidos da ordem. A permanência de problemas estruturais e a pouca importância dada a esta questão, todavia, não desautoriza creditar a este governo de conciliação de classes importantes incrementos no cotidiano que facilitam o dia-a-dia das classes subalternas. Embora o sonho de moradia própria, de pleno emprego, de

educação e saúde de qualidade não se realize plenamente, não se pode negar que as parcelas dos explorados assistidos pelos programas deste governo logram amplas simpatias diante do petismo e seus congêneres. É conhecendo esta realidade que se deve enfrentar o período eleitoral com a crítica das armas disponíveis e capazes de dialogar amplamente com o proletariado brasileiro e antecipar os resultados das políticas governamentais que, a partir dos influxos da crise do capital no Brasil, deverá ser cada vez mais deficitária e insuficiente diante dos problemas estruturais.

13. A Política em Santa Maria: derrotismo petista e o avanço do pragmatismo eleitoral em Santa Maria. O debate eleitoral em Santa Maria está colocado mediante um acordo implícito e pragmático entre os dois partidos tradicionais, o PMDB e o PT. Neste sentido, o que se tem é um acordo nacional entre estes partidos que visa não romper a linha artificial da coalizão centrista estabelecida para dar continuidade e viabilidade à aliança que, aos trancos e barrancos, se mantém no poder. Isto significa na prática a construção, nas eleições municipais de 2012, de uma política de aliança destes dois partidos que obstrua qualquer possibilidade de enfraquecimento da aliança estabelecida desde 2002 no centro do poder. Ou seja, a proposta implícita encaminhada pelo PT e PMDB, ao buscar construir alianças eleitorais em localidades antes nunca vistas, vide a cidade do Rio de Janeiro, busca fortalecer o governo federal e viabilizar seu projeto de poder. Em contrapartida, esta política de alianças, que não consegue se estabelecer enquanto uma política geral para estes partidos, busca neutralizar os embates entre estas duas siglas em localidades que historicamente estes se enfrentaram. Acordos nem sempre tão visíveis se estabelecem e inimigos históricos encontram uma saída teatral para fortalecerem o projeto de aliança municipal e federal.

14. Talvez esta seja a explicação para o derrotismo petista em Santa Maria e a conseqüente inesperada viabilidade da vereadora Helen Cabral para o embate amigável que se sucederá com o peemedebista César Shirmer. Os petistas santa-marienses buscando não se desvincular do projeto nacional do PT encontram a saída mais pragmática para esta eleição. Sucede-se então a debandada de nomes viáveis de enfrentamento ao projeto conservador do PMDB, a saber, o deputado federal Paulo Pimenta, o deputado estadual Valdeci de Oliveira e o ex-deputado estadual Fabiano Pereira, e surge então a possibilidade de Helen Cabral capitanear a vaga para a disputa aparente. Ou seja, impossibilitados de aderir ao projeto peemedebista em Santa Maria, devido às históricas divergências entre estes partidos na cidade, encontra-se a saída mais pragmática que visa ao derrotismo, uma solução de conveniência, e que abre o caminho para a vitória peemedebista. O processo pode não ser tão claro para os militantes peemedebistas e petistas, mas o central é que denunciemos a similaridade entre as gestões do PMDB e do PT em Santa Maria, denunciando que um não exclui o outro e que outra alternativa deve se fazer presente em Santa Maria. A diferença entre os partidos, antes acentuada, hoje torna-se disfarçada e as proximidades podem ser apontadas pela Frente de Esquerda.

15. Ainda, verificam-se possibilidades de fissuras oportunistas em duas frentes: uma possibilidade plausível é o descolamento do PSDB em relação ao governo municipal com a candidatura de Jorge Pozzobom. Este que, visualizando a inevitável domesticação do PT para o pleito, passa a acreditar na viabilidade de se estabelecer como alternativa ao teatro que se configura. Por fim, aventa-se ainda a possibilidade de aliados petistas, aparentemente descontentes com o derrotismo e pragmatismo do PT,

buscarem construir uma opção que nada teria a perder neste contexto. Ou seja, partidos como o PC do B, PSB e PPL buscariam ocupar o vácuo deixado pelo acordo implícito entre PMDB e PT. De qualquer forma, junto a estas duas possibilidades, somam-se outras possibilidades menores que buscam apenas construir seus aparatos partidários em Santa Maria, tais como o DEM e o PV.

16. O papel da Frente de Esquerda (PSOL,PSTU,PCB): Neste contexto de elevado pragmatismo eleitoral, é papel da Frente de Esquerda denunciar este acordo implícito entre PMDB e PT. Descortinar aos trabalhadores os meandros deste acordo significa apontar para a domesticação petista em Santa Maria e apontar com clareza a existência de um acordo nacional que expõe a fragilidade do projeto de poder do governo federal. Destarte, este processo revela a falência da política eleitoral brasileira e põe como tarefa aos socialistas apontar sua deterioração. Ainda que este seja um fato corriqueiro na política nacional, a sua evidência em Santa Maria propicia o debate sobre os significados das políticas de alianças no bloco governista. **De certa forma, este acordo revela outra tarefa – que também não é nova - que se situa em apontar a identificação entre PMDB e PT em Santa Maria.** Ou seja, o PT, ao procurar viabilizar sem transtornos a vitória de Schirmer, indica aos trabalhadores que a melhor opção é o seu outro.

17. Para tanto a candidatura do PSOL para Santa Maria deve contemplar todas as forças que compõem o partido na cidade, bem como os companheiros da Frente de Esquerda. Isto significa, em pontos práticos:

- a) A formação de uma coordenação de campanha com representação dos grupos que compõem o PSOL na cidade e dos partidos inseridos na Frente de Esquerda;
- b) A formação de plenárias abertas para a construção do programa para estas eleições, antes e durante, bem como o comprometimento do candidato com estas;
- c) Distribuição de tempo igual de TV a todos os candidatos a vereador e o não favorecimento de um ou outro candidato durante o programa de TV majoritário e militância cotidiana.
- d) Comprometimento com o financiamento militante de campanha, não aceitando doações de grandes empresas, multinacionais ou empresas que buscam o favorecimento político (conforme defendido estatutariamente pelo PSOL) e defendendo a bandeira do financiamento público de campanha.

18. Junto a esta questão, devemos apontar os problemas concretos com que se deparam os trabalhadores em Santa Maria e problematizar como viabilizar estas demandas em propostas que estejam vinculadas intimamente com nosso programa. Isto deve ser viabilizado e construído em **plenárias abertas da Frente de Esquerda, acumulando para o programa antes e durante as eleições.** Por fim, nestas eleições é fundamental vincular nossas propostas e programa a uma estratégia socialista. Isto significa realizar um movimento pedagógico que mostre a Frente de Esquerda como uma opção a ser construída pela juventude, pelos trabalhadores, pelos movimentos sociais com uma perspectiva que ultrapasse a esfera eleitoral e que os vincule ao protagonismo das lutas sociais e políticas antes identificadas com o PT.

Assinam esta tese:

Adriano Sá Brito – movimento sindical

Daiane Duarte – movimento estudantil
Daniel Canha – movimento estudantil
Demetrio Cherobini – cientista social
Endrigo Longhi – movimento popular
Fabricio Nicoloso – movimento popular
Henrique Cignachi – executiva municipal
Israel Tischler – diretório municipal
João Damian – diretório municipal
João Victor Moura - jornalista
Leticia Genro – movimento popular
Loiva Chansis – coordenadora geral da ASSUFMS
Luiz Enrique “Escadinha” – presidente do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos
Marcius Fuchs – movimento estudantil
Mathias Rodrigues – executiva municipal
Nathália Costa “Panka” – jornalista
Paulo Montedo – professor de física
Rafael Balbuena – diretório municipal
Roberto Lisboa – historiador
Rondon de Castro – presidente da SEDUFMS
Sandra Feltrin – executiva municipal
Teo Bengochea – movimento popular
Yuri Medeiros – movimento estudantil

“Ousar Lutar, Ousar Vencer”.

Tese do Movimento Esquerda Socialista

III Congresso Municipal do PSOL de Santa Maria

O PSOL/SM DEPOIS DAS ELEIÇÕES DE 2008.

Para melhor compreender esta questão é necessário que rememoremos o processo eleitoral de 2008 em Santa Maria. As eleições municipais em questão se caracterizaram por uma disputa de poder entre duas candidaturas que representavam praticamente o mesmo projeto, tanto que a nível federal os dois deputados federais postulantes ao cargo de prefeito se consideravam situação.

De um lado a candidatura de Cezar Schirmer do PMDB, apoiado por uma gama de partidos da direita tradicional; PP, PSDB, DEM, PPS e demais legendas menores. De outro lado a candidatura de Paulo Pimenta do PT, apoiado por partidos que outrora desempenharam um certo papel progressista na cidade como PSB e PCdoB, mas também por partidos fisiológicos como PTB, PR, PRB e outros. Pela configuração das duas chapas percebemos que as semelhanças entre essas duas candidaturas eram bastante nítidas.

Tendo em vista esta conjuntura o PSOL em 2008 representou uma alternativa diferente para esta falsa polarização. Apesar da pouca estrutura partidária, poucos militantes e mesmo inexperiência dos envolvidos na construção de nossas candidaturas, podemos afirmar que o PSOL conseguiu desempenhar um bom papel nesta eleição.

Saímos da mesma fortalecidos, nossa candidatura á prefeitura conseguiu nos debates fazer um enfrentamento aos grandes partidos de forma bastante clara e contundente. Muito desse êxito se justifica á qualidade de nossa candidatura capitaneada pela companheira Sandra Feltrin. Porém este mesmo sucesso não se repetiu na eleição posterior e igualmente não se repetiu no crescimento partidário. O nosso principal questionamento é esse: por que o PSOL não conseguiu colher grandes frutos dessa campanha aparentemente tão exitosa?

Acreditamos que esta questão está diretamente ligada a uma crise de gestão interna do partido em nossa cidade. A atual direção partidária opta por um isolamento político que em nada acrescenta para a inserção real de nosso partido perante as lutas reais dos trabalhadores em nossa cidade. Igualmente acreditamos que o grupo que hoje ocupa a maioria dos cargos no diretório municipal parece mais interessado em sua autoconstrução do que em realmente construir o Partido Socialismo e Liberdade. Prova maior disso é a dificuldade e o aparente desinteresse que a candidatura para deputada estadual apresentada e apoiada pela maioria da atual direção municipal demonstrou ao não construir atividades vinculadas à candidatura de Luciana Genro á deputada federal, candidatura de maior potencial eleitoral de nosso partido. Talvez se tivesse havido esta cooperação intra partidária talvez hoje o PSOL pudesse contar com representatividade nas duas esferas legislativas: federal e estadual. Aí está expressa mais uma vez a visão equivocada que os companheiros pertencentes ao Campo Debate Socialista praticam, o de priorizar a construção do grupo á construção partidária.

O PSOL QUE QUEREMOS

Nós do MES defendemos um partido de massas, um partido que esteja junto com estudantes e trabalhadores nas lutas de nosso tempo. Acreditamos que temos um caminho muito grande para percorrer até que o PSOL seja realmente considerado uma referência para os lutadores sociais de nosso país. Sonhamos com um PSOL que marche com os indignados, que lute pelo direito pela terra e por moradia, que lute pelo piso salarial tanto de professores quanto de trabalhadores da segurança pública, que lute por melhores condições de vida para todos os trabalhadores, que lute para que o transporte coletivo seja realmente público.

Igualmente sonhamos com um PSOL que lute pela democratização do Estado brasileiro, que beba na fonte das melhores experiências de democratização do Estado produzidas pela esquerda mundial, como por exemplo, o Orçamento Participativo. Política pública que poderia vir a representar o início de um projeto de Democracia Real na esfera municipal que infelizmente o PT ao invés de radicalizar e ampliar sua inserção optou por negá-la em sua totalidade.

Em resumo defendemos a mudança de rumo na direção do PSOL de Santa Maria rumo á construção de um partido de massas e não de quadros. Um partido que realmente

esteja inserido nas lutas de nosso tempo, seja na luta por transporte realmente pública, seja na luta dos cursinhos populares por democratização do ensino público, seja na luta por saúde pública, moradia, terra, alimentação, por liberdade religiosa, de orientação sexual e democratização do Estado. Acreditamos que só com esta mudança de política e de atitude realmente poderemos caminhar para a construção de um partido realmente vinculado á luta dos trabalhadores! Um partido que realmente lute pelo Socialismo e pela Liberdade.

ORGANIZAR, LUTAR E VENCER!

Nós do MES temos a convicção de que o PSOL de Santa Maria não soube aproveitar o espaço político gerado nas eleições municipais de 2008, prova disso é que o partido não conseguiu aproveitar o bom desempenho eleitoral no sentido de crescimento expressivo no número de filiados e conseqüente inserção perante os movimentos sociais. Nós acreditamos que este insucesso pode ser creditado devido a equívocos de todo o tipo cometido pela atual direção municipal.

Esta direção composta majoritariamente por militantes ligados ao Campo de Debate Socialista tem se mostrado mais preocupada com a sua própria construção enquanto grupo do que realmente envolvida com a construção do PSOL como um todo, a partir deste momento expressaremos um pouco melhor os motivos pelos quais o PSOL/SM se encontra em um nível de inserção política inferior ao que saiu das eleições municipais de 2008.

Primeiramente é importante ressaltar que vivemos em um país onde o governo federal liderado pelo consórcio PT/PMDB e seus inúmeros aliados além de ter uma aprovação que, segundo os institutos de pesquisa beira os 80%, e que também governa grande parte dos estados e municípios do país. Apesar de toda esta realidade complicada e aparentemente impossível de se contestar e conseqüentemente construir alternativas que superem pela esquerda esta lógica, o PSOL vem apresentando algumas candidaturas que estão conseguindo disputar a influência em alguns setores mais progressistas da sociedade, dentre estes casos destaca-se a candidatura de Marcelo Freixo no RJ. Poderíamos destacar também as candidaturas de Carlos Gianazzi, em São Paulo, e Roberto Robaina, em Porto Alegre, que também tentam romper com a falsa polarização das eleições municipais plebicitárias. Porém nem tudo são flores, principalmente nas

localidades onde a APS possui hegemonia percebemos que existe um risco muito grande de o PSOL cair na lógica do “disputismo” eleitoral correndo o risco de o partido abrir mão de preceitos que acreditamos serem fundamentais para uma organização que pautada pela construção do socialismo.

Se por um lado o PSOL corre um grave risco de ver as suas bandeiras históricas serem abandonadas tendo em vista o mero disputismo eleitoral, percebemos que no caso de Santa Maria o problema maior é outro: nosso partido opta por um caminho de isolacionismo, caminho este que tem se mostrado ineficiente mesmo na disputa pela dita vanguarda política de esquerda. Como podemos perceber é possível romper com esta lógica aparentemente intransponível, mas por que estes bons ventos não estão sendo sentidos em Santa Maria? Analisando politicamente o município de Santa Maria percebemos que este possui algumas particularidades interessantes para o nosso exercício de análise. 1) Primeiramente Santa Maria foi governada durante 8 anos por gestão petista e conseqüentemente a maioria dos movimentos sociais da cidade estão vinculados ao PT. 2) atualmente a cidade é governada pelo consórcio PMDB/PP e seus aliados.

O que podemos compreender com esta análise? Primeiramente ao analisarmos a herança das gestões petistas em nossa cidade percebemos que estas foram bem emblemáticas no sentido que tangem a relação entre poder público municipal e movimentos sociais. Santa Maria foi uma das tantas cidades brasileiras onde o processo de degeneração petista foi mais nítido. Se analisarmos desde a primeira campanha municipal do PT, no distante ano de 1982, até o último mandato de Valdeci Oliveira percebemos que o protagonismo popular foi cada vez mais deixado de lado, seja numa campanha extremamente construída por trabalhadores, em 1982, seja pela implementação do Orçamento Participativo e negação do mesmo nos governos municipais petistas. Acreditamos que o principal legado deste processo de crescimento petista tenha sido o de atrelar a imensa maioria dos movimentos sociais da cidade.

No caso da atual gestão municipal percebemos que se utilizam do populismo e do cargoísmo mais puros para se manter no poder e conseqüentemente manter a governabilidade. O fato que mais nos chama a atenção é o fato de haver uma grande cordialidade entre os políticos ditos de situação e os ditos de oposição em nossa cidade,

tanto que a principal candidatura de oposição não vai ser liderada por nenhum dos nomes eleitoralmente mais viáveis do PT.

Esse fato que aparentemente parece curioso na verdade não o é se levarmos em conta que os principais partidos da cidade são parceiros em defesa da “governabilidade” do governo federal. Portanto acreditamos na obrigatoriedade que o PSOL tem de apresentar uma candidatura a prefeito que mostre que existe uma alternativa para esta falsa polarização, para tal é necessário que o PSOL/SM mude radicalmente sua postura isolacionista e passe a realmente a ser visto como alternativa viável para os setores mais progressistas de nossa sociedade, sem abandonar de forma alguma a nossa luta pela construção do socialismo.

TÁTICA ELEITORAL PARA 2008

Acreditamos na necessidade de reconstrução da Frente de Esquerda em Santa Maria, PSOL, PCB e PSTU conseguiram exercer um bom papel de mostrar para a população da cidade que as eleições municipais não eram eleições plebicitárias, que realmente existe a possibilidade de construir projetos e programas políticos que não caíam no determinismo e fatalismo que as outras candidaturas queriam que o povo acreditasse. A candidatura da companheira Sandra Feltrin representou exatamente essa possibilidade, portanto defendemos a reconstrução da Frente de Esquerda. Porém acreditamos que nossa aliança não deve se resumir apenas à aliança eleitoral, e sim contribuir para a construção de políticas de inserção nas lutas populares que não se resumam apenas às eleições.

Uma breve análise sobre a conjuntura mundial nos permite perceber que movimentos sociais como a diversificada Primavera Árabe, dos indignados na Europa, do Occupy Wall Street, entre tantos outros conseguiram demonstrar que a luta de classes ainda é o motor da história. Porém é claro que analisando os resultados práticos alcançados por estes movimentos percebemos que faltou uma direção socialista clara que levasse esses movimentos para uma possibilidade real de transformação na lógica social e construção do socialismo em alternativa a esta lógica capitalista cada vez mais excludente.

No caso de nosso município percebemos que os movimentos sociais não se encontram em um estágio tão elevado e que o “engessamento” dos mesmos em relação ao PT. Para se dar início à superação desta lógica é necessário que o PSOL construa candidaturas vinculadas com as diversas lutas de nosso tempo, todavia esta construção não se dará de forma imediata. É necessário que apresentemos candidaturas de lutadoras e lutadores sociais, candidaturas que representem e personifiquem a nossa luta por Democracia Real Já!, como no caso de uma candidatura para a prefeitura. Portanto acreditamos na necessidade de ser construir candidaturas que possibilitem que o PSOL se torne uma alternativa real e para a classe trabalhadora tendo em vista a luta pela construção do socialismo.

Campo Enlace - Fortalecer o PSOL

Nós do Campo Enlace para Fortalecer o PSOL, queremos apresentar uma contribuição para o debate interno do partido, com o objetivo de ajudar na elaboração coletiva, reforçando a intervenção do partido em todos os setores da sociedade. Nossa avaliação parte da premissa de que vivemos uma etapa de transição na luta de classes. Na América Latina o neoliberalismo sofreu derrotas importantes. Nos países do norte da África décadas de ditaduras foram varridas. Europa e EUA a classe trabalhadora resiste contra retiradas de direitos e conquistas. Milhões denunciam os 1% que usurpam as riquezas produzidas pelos 99% restantes da população mundial. Vivemos uma transição, também porque além dos trabalhadores dizer basta de exploração, milhões voltam a discutir política e saídas para a humanidade. Somos otimistas com o futuro da humanidade. A classe trabalhadora e os povos vão suplantar o capitalismo, e erguer um mundo novo. Um mundo socialista, com democracia real, não a conhecida democracia representativa burguesa.

O POVO TRABALHADOR SE LEVANTA!

Em 2008 foi anunciada a atual crise, sem que a maioria das pessoas tivesse ideia da dimensão que ela alcançaria. Hoje ninguém nega que as conseqüências e a profundidade da mesma, já ultrapassam a histórica crise de 1929. Na realidade, a situação é mais complicada e mais complexa. Vivemos uma confluência de crises, onde a crise financeira e econômica é a expressão mais contundente para o trabalhador. Países inteiros estão endividados. Governos aplicam planos que retiram direitos, para salvar banqueiros e patrões. A miséria aumenta assustadoramente. Chegamos a cifra absurda de 1 bilhão de seres humanos famintos. E as cidades estão um verdadeiro caos. E o desemprego chega a milhões em países como Grécia, Espanha e EUA. A crise ecológica é outra faceta da crise que não aparecia da grande depressão de 1929. Aquecimento global, desmatamento de florestas, desertificação de regiões, degelo das geleiras e a extinção de centenas de espécies, demonstram que a natureza também pede socorro e não suporta um sistema predatório, de exploração e consumo que tem como único objetivo o lucro.

Estamos em rota de colisão com nosso futuro. Nunca como agora, a máxima “socialismo ou barbárie” se faz mais concreta. Ou mudamos esse sistema de exploração, consumista, individualista e profundamente anti-democrático, ou ele devorará à nós e a natureza!

Mas se é verdade que o capital avança retirando direitos históricos de nossa classe atacando os povos, destruindo o planeta, também é verdade que os oprimidos começam a reagir de maneira mais contundente. O ano de 2011 foi um preâmbulo do que está por vir. Entraram em cena os povos e trabalhadores de diversos países da Europa, como os gregos, espanhóis, portugueses e vários outros. No norte da África, as rebeliões populares foram derrubando ditadores, um após outro, como na Tunísia, Egito, Líbia e Iemen.

A Primavera Árabe refletiu tanto a crise econômica, como a luta contra os regimes ditatoriais. E, mesmo com as contradições de intervenções de organismos ligados aos interesses imperialistas, como a ONU, é fato que essas rebeliões mudaram a face do norte da África.

No coração do capitalismo, os EUA - a juventude protagonizou dezenas de manifestações questionando pilares do sistema. O movimento Ocupam Wall Street, levantou bandeiras que expressam a verdadeira concentração de riquezas no país; 99% da população contra o 1% de milionários. Por trás desses percentuais estão mais de 10 milhões de desempregados, milhares de sem teto e 40 milhões sem assistência médica. Os trabalhadores e a classe média empobreceram, para garantir os lucros dos patrões.

O que aponta para um novo momento na situação mundial é a entrada em cena dos trabalhadores organizados, com seus métodos revolucionários. Foram dezenas de greves gerais, ocupações e mobilizações contra as medidas de retirada de direitos e conquistas dos povos, que estão sendo implementadas pelos governos submissos ao sistema financeiro.

O 1º de maio de 2012 mostrou que as mobilizações se globalizaram. Populações que até pouco tempo viviam pacatamente em suas cidades, hoje saem às ruas, não para festejar ou aproveitar um feriado a mais. Pelo contrário, saem às ruas justamente para resgatar o caráter de luta dessa data.

Venezuela, Bolívia e Equador: UMA LUTA ANTI-IMPERIALISTA.

Depois de quase duas décadas de hibernação e derrotas, a perspectiva socialista volta ao cenário político com força em alguns países. Venezuela, Bolívia e Equador são exemplos distintos de todos os demais países. Desde o início dos anos 2000, eles vivem em constante mobilização social. Entraram no século XXI com o pé certo! A radicalidade desses povos garantiu conquistas e governantes eleitos que se apoiaram nas mobilizações, para fazer avançar um projeto de conquista da soberania e independência em relação ao imperialismo. É um processo em aberto. Cheio de contradições. Mas é o que tem de mais progressivo na América Latina. As medidas tomadas se chocam com os interesses das oligarquias burguesas locais. Quando no mundo desenvolvido os governantes jogam peso da crise nas costas dos trabalhadores, povos sul-americanos propagandeiam o socialismo do século XXI e aplicam medidas que vão na contramão da lógica neoliberal.

Brasil marca registrada: CONCENTRAÇÃO DE RENDA

No Brasil, o governo Dilma aprofunda um modelo de crescimento econômico baseado em exportação de matéria-prima, sem mexer nos privilégios de uma elite parasitária do Estado. E de um movimento social majoritariamente vinculado e cooptado pelo governo, portanto paralisado. Um modelo socio-liberal. Como acertadamente o cientista político Atílio Borón, constata “... em que pese – os países da América Latina – tenham experimentado períodos de altas taxas de crescimento econômico, nossos países continuam afundados no subdesenvolvimento. As principais economias da região e aquelas que foram a vanguarda do processo - sobretudo aos casos da Argentina, Brasil, Chile e México – seguem debatendo-se com os problemas tradicionais do atraso: estruturas econômico-sociais desequilibradas; grandes bolsões de pobreza, indigência e exclusão social periodicamente crescentes; extrema concentração de riqueza e ingressos; vulnerabilidade externa; debilidade estatal; escandalosa regressividade tributária e “democracias” mais aparentes que reais, nas que brilham por sua ausência os mais elementares direitos cidadãos...”

Dilma tem navegado em folgados índices de + de 70% de popularidade. Resultado da política focada no assistencialismo, onde 11 milhões de famílias, representando mais de 40 milhões de seres humanos sobrevivem com uma miserável Bolsa Família. Por outro, uma política de estímulo ao crédito para uma classe média baixa, que passa a ter acesso a bens de consumo e pequenas conquistas antes inimagináveis.

O endividamento do Brasil é a outra face da política anti-social do governo Dilma. A dívida pública brasileira consome 45% de todo o orçamento da União. Em 2011 isso chegou em valores absolutos a incríveis R\$ 708 bilhões de reais. Dinheiro que deixa de ser aplicado nas áreas sociais, para engordar os cofres dos banqueiros.

Como se não bastasse à política do governo, que enfraquece o país economicamente. Aumenta a dependência ao capital financeiro e segue a trajetória histórica de concentração de renda. Temos ainda uma escandalosa corrupção que alcança todas as esferas da vida pública. Senadores, Governadores, deputados federais e estaduais. Prefeitos e vereadores em todos estes postos a corrupção corre solta. A mais recente foi o caso do bicheiro Carlinhos Cachoeira e seu Senador Demóstenes Torres, com empresas fantasmas e construtoras corruptoras e fraudadoras como a Delta. O povo vê mais uma vez políticos e partidos envolvidos até o pescoço nas falcatruas. Acusações e denúncias que quase sempre não dão em nada.

São bilhões que são roubados dos cofres públicos e nem governo, polícia nem justiça vão punir os corruptos e corruptores. Exigimos investigação e punição de todos os envolvidos. Os bilhões desviados têm que voltar para os cofres públicos, para serem investidos nas áreas sociais, como saúde, educações e moradia.

O ano de 2012 está atravessado por dois processos pesados: o aprofundamento da crise econômica por um lado e as eleições municipais. No mundo a classe trabalhadora está dando mostras de que se movimenta para defender seus direitos. Foram milhões que participaram do 1º de maio em todos os continentes. No Brasil o processo está mais atrasado, fruto da derrota que foi os governos Lula e Dilma para a classe trabalhadora. Onde esses governos cooptaram os dirigentes dos movimentos sociais por um lado e por outro, os setores combativos ainda estão dispersos. Unir os

setores combativos será o maior desafio da esquerda social, sindical, popular e partidária, porque os governos Federal, Estadual e municipal, estão a serviço dos patrões e vão atacar nossos direitos e conquistas.

Santa Maria em disputa

Santa Maria retrato de administração empresarial, burguesa e capitalista, a prioridade desta administração, com certeza, não é o trabalhador, e sim a classe dominante. O PSOL, Partido Socialista e Liberdade tem por obrigação mostrar a sociedade que os projetos do prefeito Cezar Schirmer (PMDB) são direcionados ao empresariado. Um dos fatos que comprovam isso é o reajuste das passagens do transporte coletivo.

Os bairros e vilas de nossa cidade estão em total abandono, as ruas esburacadas e sem calçamento, esgotos a céu aberto. Ou seja, total descaso da administração pública.

O trânsito no centro da cidade é caótico, mobilidade urbana não existe, há freqüentes mudanças de sentido das ruas, mas não resolve o problema.

A saúde do município vai de mal a pior, a infra-estrutura dos postos de saúde é precária, faltam médicos para atender as necessidades da população do município e região.

Na educação os professores municipais fizeram no início deste ano várias manifestações para cobrar o pagamento do piso salarial em conjunto com os professores estaduais. Ou seja, mesmo sendo lei o prefeito Cezar Schirmer precisou ser pressionado para dar o reajuste.

O PSOL tem espaço para disputar as eleições em Santa Maria, mostrar a população uma política séria e comprometida com a classe trabalhadora, tem o dever de aparecer como um partido diferente. Um partido novo, contra a velha política do toma lá, da cá. Além disso, os candidatos do PSOL devem aproveitar o processo eleitoral para apresentar o projeto de superação do sistema capitalista e medidas factíveis para

enfrentar a crise. Com objetivo de que o povo não sofra por uma crise que foi criada pelos empresários, governos e banqueiros.

Campo Enlace-Fortalecer o PSOL - Santa Maria – maio 2012